

NARRATIVAS HÍBRIDAS DE HISTÓRIA E FICÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL: ressignificações de personagens históricas na colonização da América Latina

HYBRID NARRATIVES OF HISTORY AND FICTION IN INFANT-JUVENILE LITERATURE: re-meanings of historical characters in the colonization of Latin América.

Michele de Fátima Sant'Ana (UNIOESTE/Cascavel-PR/Brasil)¹
Tatiane Cristina Becher (UNIOESTE/Cascavel-PR/Brasil)²

Resumo O “descobrimento” da América é majoritariamente embasado na história tradicional hegemônica escrita por exploradores europeus dos séculos XV e XVI, que estavam em busca de novas terras e reportavam suas descobertas além-mar aos monarcas. Apesar de já superada a noção da história rankeana/positivista, que admitia uma suposta neutralidade por parte da historiografia, uma série de questões problemáticas persistem nos ecos desses antigos registros eurocentristas. As narrativas híbridas de história e ficção da literatura – tanto adulta quanto infantojuvenil – dão espaço às reflexões sobre o imaginário coletivo que, muitas vezes, perdura, alastrando significados instaurados por essa historiografia hegemônica da colonização da América. Com o intuito de demonstrar como narrativas híbridas da literatura infantojuvenil abordam, de maneira crítica, a história da colonização da América Latina, apresentamos, no presente artigo, a análise de duas obras infantojuvenis que entrecruzam ficção e história, por meio de uma releitura crítica/desconstrucionista da historiografia tradicional: *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012), de Maryse Noël Roumain, e *A Descoberta do Novo Mundo* (2013), de Mary Del Priore. Para tanto, baseamos-nos, teoricamente, nos pressupostos de autores como Cadermatori (2010), Coelho (2000) e Fleck (2017). Evidenciamos, em nossa análise, aspectos escriturais que aproximam essas duas obras da modalidade de narrativa híbrida proposta por Fleck (2017): o romance histórico contemporâneo de mediação. As obras analisadas fazem parte do repertório literário cuja motivação social inclui reconfigurar esse imaginário coletivo decorrente da historiografia tradicional, que subjugou e apagou certas personagens que fizeram parte da história da América Latina.

¹ Mestre em Letras pelo Profletras-Unioeste/Cascavel-PR. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste/Cascavel, PR. Integrante do Grupo de pesquisa “Resignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, liderado pelo professor Gilmei Francisco Fleck. E-mail: michelefsantana@gmail.com

² Mestre e Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Cascavel-PR. Integrante do Grupo de Pesquisa “Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, liderado pelo professor Gilmei Francisco Fleck. E-mail: taati.becher@gmail.com

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012); *A Descoberta do Novo Mundo* (2013); Ressignificações do passado; Romance histórico contemporâneo de mediação.

Abstract: The “discovery” of America is mostly based on the traditional hegemonic history written by European explorers from the 15th and 16th centuries, who were in search of new lands and reported their discoveries overseas to the monarchs. Although we have already overcome the notion of Rankean/Positivist History, which admitted a supposed neutrality on the part of historiography, a series of problematic questions persist in the echoes of these old Eurocentrist records. The hybrid narratives of history and fiction in literature – both adult and infant-juvenile – allow space to reflect on the collective imaginary that often endures, spreading meanings established by this hegemonic historiography of the colonization of America. In order to demonstrate how hybrid narratives of infant-juvenile literature critically approach the history of colonization in Latin America, in this article we present the analysis of two infant-juvenile works that intertwine fiction and history, through a critical/deconstructionist re-reading of traditional historiography: *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012), by Maryse Noël Roumain, and *A Descoberta do Novo Mundo* (2013), by Mary Del Priore. For this purpose, we theoretically rely on the assumptions of authors such as Cadermatori (2010), Coelho (2000), and Fleck (2017). In our analysis, we highlight scriptural aspects that bring these two works closer to the hybrid narrative modality proposed by Fleck (2017): the historical contemporary novel of mediation. The *corpus* is part of the literary repertoire whose social motivation includes reconfiguring this collective imaginary deriving from traditional historiography, which subjugated and erased certain characters that took part in Latin American history.

Key-words: Infant-juvenile literature; *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012); *A Descoberta do Novo Mundo* (2013); Re-meanings of the past; Contemporary historical novel of mediation.

Introdução

As narrativas nas quais se entrecruzam a arte literária e a historiografia, ou seja, que são escritas com base em acontecimentos passados ou em personagens registradas pelo discurso historiográfico, pertencem ao conjunto das narrativas híbridas de história e ficção. Dentre elas, destaca-se o gênero conhecido como “romance histórico”, cuja trajetória – iniciada em 1814 na produção romanesca de Walter Scott – apresenta diferentes fases e modalidades de escrita. Conforme Fleck, um romance histórico sobrepõe diferentes visões sobre um mesmo acontecimento do passado, resultando em

um hipertexto, cuja tessitura é composta por uma pluralidade de discursos.

Assim,

[...] ao reconfigurar, ficcionalmente, um fato histórico, o romancista, inevitavelmente, trabalha com um passado que já foi reconstruído pelo historiador. Essa leitura primeira chega até nós por meio do discurso assertivo científico da história, a qual é, na ficção, revisitada pelo romancista – cujo discurso é, normalmente, na contemporaneidade, desmistificador das imagens anteriormente fixadas. (FLECK, 2017, p. 19).

Ao nos voltarmos ao período de colonização europeia na América, vemos, sem grandes dificuldades, que a historiografia se baseia em documentos escritos por exploradores dos séculos XV e XVI e, assim, sucessivamente. Isso acabou por estabelecer uma perspectiva unilateral, proveniente desse discurso imperativo colonizador, oriundo da corrente da história hegemônica europeia – à qual coube os registros escritos dos períodos do “descobrimento”, conquista, colonização e, até boa parte, da independência das colônias americanas; e, também, na corrente tradicional rankeana – de cunho positivista, do princípio da era, que marcou a separação entre literatura e história – no início do século XIX.

Segundo Fleck, a tarefa de “mostrar” a “verdade” pela escrita da história acontece a partir de um posicionamento ideológico veiculado por um narrador subordinado às ações do sujeito, que o elabora como ente narrativo, (re)articulando um discurso sobre acontecimentos passados para apresentá-lo a terceiros. “Há, portanto, na atuação do historiador, um processo de (re)organização dos acontecimentos e uma configuração imaginativa das personagens presentes na narrativa.” (FLECK, 2017, p. 29).

Apesar de a historiografia estabelecer uma perspectiva hegemônica sobre o passado da América em seus registros, não se pode, hoje, simplesmente acatar a ideia da existência de um discurso neutro, objetivo e único de parte da história sobre o passado. Isso concede espaço a outras áreas do conhecimento para criar possibilidades de manifestação a outras vozes anteriormente ocultadas por esse discurso hegemônico.

Esses registros sobre o passado, monológicos durante muito tempo, acabaram por marginalizar sujeitos que participaram ativamente dos feitos narrados na história da expansão marítima europeia e da “descoberta”, conquista e colonização das Américas. Era necessária uma história nova, que considerasse, também, visões antes excluídas dos compêndios avalizados pelo poder. Segundo Burke (1992, p. 11), “a base filosófica da nova história é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída.” Nessa corrente contemporânea da historiografia, vemos a busca de aproximação da nova história com outras áreas de conhecimento.

Na literatura, vários desses sujeitos invisibilizados pelo discurso hegemônico e tradicional da historiografia, que dominou a escrita da área até, ao menos, a década de 1970, foram representados e ressignificados por meio de narrativas híbridas de ficção e história. Isso tem ocorrido não apenas na literatura destinada a adultos, a partir do gênero do romance histórico e suas diferentes fases e modalidades, mas, também, na literatura infantojuvenil. Tais produções, segundo Luft (2010), podem ser consideradas narrativas juvenis contemporâneas da linha do romance histórico – ou seja, que são elaboradas com base em acontecimentos históricos, a partir de dados registrados nos anais da história.

Para quem valoriza e prioriza a formação do leitor literário, de acordo com Cadermatori (2010), promover e mediar a literatura infantil é o caminho para proporcionar aos pequenos leitores um tipo de texto, informação e histórias diferentes daquelas que eles acessam cotidianamente. Tal ato se dá quando tanto o mediador quanto a criança saem de sua zona de conforto e se voltam para o mundo da ficção e da história, lugar no qual o imaginário ganha formas e se concretiza.

Coelho (2000, p. 9) nos afirma que a literatura infantil e, por consequência, a infantojuvenil, começaram a ser pensadas no fim da década de 1970, em meio a discussões sobre sua importância como “formadoras das mentes infantis”. Esses debates, conforme explicitado pela autora ao longo de sua obra *Literatura Infantil* (2000), denunciavam as defasagens existentes entre as novas propostas de leituras de mundo que surgiam com o *boom* da “Nova

Literatura Infantil”, nos anos 1970, e a literatura “menor”, que ainda era fator dominante nas escolas, pelo manuseio dos manuais de ensino utilizados até então.

Para Pereira (2020), apesar daqueles que, por gosto ou necessidade, lidam diretamente com essa literatura, muitos ainda não se deram conta do alto grau de qualidade alcançado de 1970 até os nossos dias. Não perceberam que “tal Literatura não é um gênero menor, vazio de conteúdo e de expressão” (PEREIRA, 2020, p. 136), destinada ao passatempo fútil de crianças e de jovens, ou apenas simples historinhas. Ao contrário disso, trata-se de uma literatura com objetivos, funções e temáticas próprias no panorama cultural brasileiro contemporâneo, com identidade estabelecida, que forma indivíduos críticos, participativos e cidadãos.

Dessa forma, assumimos a premissa de que, além da urgente necessidade de valorização de uma literatura voltada a problematizações da infância e da adolescência, faz-se necessária, para os leitores, a valorização de uma leitura criativa, questionadora e reflexiva. É preciso que essa escrita não favoreça a legitimação de ideias hegemônicas arraigadas na sociedade, propondo discursos que, muitas vezes, geram intolerâncias, discriminações e, mesmo, naturalizam desigualdades. É indispensável uma literatura que desperte a consciência do leitor infantil ou juvenil, que desconstrua conceitos de dominação, que descolonize a mente e, por fim, que aponte vias diversas para o entendimento da realidade que o cerca.

Regina Zilbermann enfatiza que, quando tratamos da literatura infantojuvenil, é necessário pensar em seu público, ou seja, em quem receberá tais obras e, principalmente, vê-los não mais como seres dependentes, pequenos e de precário saber, mas sim como leitores, com a possibilidade de compreender, subjetivar e ressignificar suas leituras de forma consciente, reflexiva e criadora de novos símbolos e interpretações. E, justamente por isso, destacamos as produções literárias infantojuvenis que se preocupam com a ressignificação histórica mediante o diálogo profícuo entre ficção e história desde os primeiros contatos do indivíduo com a literatura. É o caso de

Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti (2012) e *A Descoberta do Novo Mundo* (2013), objetos de análise do presente artigo.

Segundo Coelho (2010), não existe um ideal absoluto de literatura infantojuvenil, nem de qualquer outra escrita literária, pois será considerado “ideal” aquilo que corresponder a determinada necessidade do tipo de leitor a que ela se destina. A autora classifica as tendências da nossa literatura infantojuvenil contemporânea em três diferentes linhas de intenções: a realista, a fantástica e a híbrida. A linha realista busca expressar a realidade do cotidiano, acolhida ou conhecida pelo senso comum do leitor. A literatura fantástica, por sua vez, apresenta um mundo maravilhoso, criado pela imaginação, que existe fora dos limites do “real” e do senso comum. Já a literatura híbrida parte do “real” e, nele, introduz o imaginário ou a fantasia, anulando os limites entre um e outro. Conforme expressa Coelho (2010):

[...] ainda na esfera da “literatura híbrida”, destacamos duas correntes que dia a dia vêm crescendo em valor literário e importância histórica. Ambas vêm “escavando” nossas origens de povo: a corrente das *narrativas indígenas* e das *narrativas africanas*. De maneira comvente ou divertida ou fantástica, as histórias/estórias recuperadas/reinventadas de um passado remoto vão revelando aos pequenos leitores peculiaridades de dois povos, tão diferentes entre si e que, por artes do destino (ou de Portugal?), acabaram fazendo parte das raízes da nossa brasilidade. (COELHO, 2010, p. 291).

Fleck (2017) aponta diferentes fases na trajetória das relações entre os discursos histórico e ficcional – períodos de união, separação e conciliação, com ressalvas. É no contexto dessas fases distintas que se gera o ambiente no qual nascem as diferentes possibilidades de escrita híbrida de história e ficção. Nossa intenção, por meio deste artigo, é apresentar – no âmbito do atual “diálogo” entre a ficção e a história – uma análise de dois livros, duas obras da literatura infantojuvenil que apresentam um caráter desconstrucionista com relação à história do “descobrimento” da América. Nessa abordagem às obras infantojuvenis híbridas de história e ficção, buscamos aproximá-las da modalidade do “romance histórico contemporâneo de mediação”, cujas premissas foram estabelecidas nos estudos de Fleck (2007; 2017).

Ainda que não se considere possível classificar uma obra voltada ao público infantojuvenil da mesma maneira como classificamos obras da literatura adulta, reconhecemos como viáveis e pertinentes as aproximações aqui propostas entre as narrativas híbridas analisadas e essa modalidade mais atual do romance histórico, uma vez que as obras infantojuvenis em questão também se configuram como narrativas que amalgamam aspectos inerentes à história com outros específicos da ficção e apresentam características que as aproximam do romance histórico de mediação, conforme demonstramos ao longo deste texto.

Na definição de Fleck (2017), a modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação pertence à terceira etapa das fases de escrita híbrida de história e ficção, ou seja, ao período em que tais produções se fazem críticas ao discurso hegemônico e tradicional da historiografia. A trajetória do gênero romance histórico, segundo o pesquisador, apresenta três fases: a acrítica, a crítica/desconstrucionista e a crítica/mediadora. Assim, o romance histórico contemporâneo de mediação estabelece vínculos entre as duas fases precedentes, mas sem a exaltação ao passado, que é comum na fase acrítica e, da mesma forma, sem contemplar as características predominantes do desconstrucionismo e do experimentalismo linguístico e formal presentes no novo romance histórico latino-americano ou na metaficção historiográfica, que constituem as expressões da segunda fase do gênero.

A essência do romance histórico contemporâneo de mediação está na ação mediadora entre essas modalidades, sendo, de acordo com Fleck (2017, p. 109-111), suas principais características as seguintes: uma releitura crítica verossímil do passado, que se afasta dos parâmetros tradicionais dos cânones europeus, buscando a construção de um discurso questionador; uma narrativa linear do evento histórico recriado, com poucas prolepses e analepses, sem anacronias desconstrucionistas; foco narrativo geralmente centralizado em personagens esquecidas ou silenciadas no discurso oficializado, privilegiando visões marginais, sem centrar-se na desconstrução carnavalesca de grandes personagens da história; emprego de estratégias escriturais bakhtinianas,

como a dialogia, a polifonia e a paródia; presença esparsa de recursos metanarrativos, sem que estes sejam essenciais à obra.

Segundo Matheus, Klock e Barrios (2020), as aproximações estabelecidas por Fleck (2017) em fases e modalidades permitem a compreensão de momentos distintos do gênero romance histórico e das características específicas que acompanham sua evolução, uma vez que a maneira como se aproxima do passado se modifica ao longo de sua história. De acordo com os autores,

*Por lo tanto, una de las contribuciones de Fleck reside en demostrar, a partir de la categorización de las novelas históricas en modalidades, cómo las narrativas presentan su modo o su forma de tratar discursivamente y estructuralmente el contenido histórico, abordaje que se refleja en la intención que los novelistas adoptan para releer el pasado.*³ (MATHEUS; KLOCK; BARRIOS, 2020, p. 313-314).

Para demonstrarmos como narrativas infantojuvenis atuais da literatura reconfiguram, de maneira crítica, o discurso da historiografia hegemônica, apresentamos, neste artigo, a análise das obras infantojuvenis *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012), de Maryse Noël Roumain, e *A Descoberta do Novo Mundo* (2013), de Mary Del Priore, com ênfase nas estratégias escriturais que estabelecem relações entre essas obras e os paradigmas da modalidade mais atual do romance histórico contemporâneo de mediação proposto por Fleck (2007; 2017).

***Anacaona, ayiti's taino Queen/Anacaona, La reine taino d'ayiti* (2012): um novo olhar sobre a atuação feminina de enfrentamento perante a colonização da América Latina**

Anacaona, cacica de uma tribo taína, residia na ilha de Guanahaní (batizada “*La Española*”, por Colombo, em 1492) –, atual território peninsular do Haiti e da República Dominicana. A autóctone foi enforcada e teve sua tribo

³ Nossa tradução: Portanto, uma das contribuições de Fleck reside em demonstrar, a partir da categorização dos romances históricos em modalidades, como as narrativas apresentam seu modo ou sua maneira de tratar o conteúdo histórico discursiva e estruturalmente, abordagem que se reflete na intenção que os romancistas adotam para reler o passado. (MATHEUS; KLOCK; BARRIOS, 2020, p. 313-314).

dizimada pelos espanhóis durante o período da colonização espanhola na América Central. As ficcionalizações de Anacaona na literatura retratam a atuação dessa autóctone na história da América, uma figura feminina de resiliência e resistência nativa frente à invasão espanhola. Sua atitude de liderança, de enfrentamento e de coragem a levou a ser morta pelos colonizadores. Mesmo assim, muitos dos documentos considerados oficiais pela historiografia tradicional mencionam a figura de Anacaona de maneira irrisória.

Alguns dos registros analisados para se descobrir de que maneira a autóctone Anacaona é figurada na historiografia tradicional foram: o *Diário de bordo* (1492-1493) e as *Cartas* (1493-1506), de Cristóvão Colombo; as *Cartas de Relación* (1519, 1520, 1522, 1524, 1526), de Hernán Cortés; *Historia de la conquista de México* (1552), de Francisco López de Gómara; *La Brevísima relación de la destrucción de las indias* (1552), do frei Bartolomeu de Las Casas (1552 [2011]).

A obra *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012), de Maryse Noël Roumain, representa uma das narrativas atuais da literatura infantojuvenil haitiana, que valoriza a cultura popular indígena e baseia sua diegese em um viés histórico. A obra ficcionaliza a figura de Anacaona como protagonista, apresentando uma perspectiva diferente daquela figurada nos documentos oficiais sobre a história da conquista. O texto é escrito em inglês e em francês (versão bilíngue) e, para nossa análise, utilizaremos a versão em língua inglesa.

Por amalgamar elementos ficcionais com dados provenientes da história, podemos classificar essa obra como uma narrativa híbrida de história e ficção da literatura infantojuvenil, pois, assim como no romance histórico, em concordância com Fleck (2017), baseia-se no entrecruzamento do discurso histórico e as premissas da ficção. Como uma narrativa que entrecruza o discurso histórico e ficcional, a obra assegura seu caráter de verossimilhança, por meio de referências a nomes figurados nos documentos oficiais da história, tanto de pessoas – Cristóvão Colombo, Anacaona, Caonabó, Bohechio, Nicolas Ovando e a rainha Isabel de Castela (“*Queen Isabella of Spain*”) –

quanto de lugares – “Ayiti”, “Hispaniola (*Little Spain*)”, “Xaragua”, “La Navidad” e “Santo Domingo” –, além dos nomes das caravelas de Colombo, presentes no excerto:

*When Queen Isabella of Spain decided to invade the New World, she called the navigator Christopher Columbus and said to him, “I will give you three boats: the Nina, the Pinta, and the Santa Maria, along with a crew of ninety armed men. Go. Discover and conquer the New World in the name of God and in the name of the Queen of Spain.”*⁴ (ROUMAIN, 2012, p. 1).

Verifica-se, no trecho destacado, a escolha vocabular de enfrentamento da autora ao utilizar o vocábulo “*invade*” (invadir) para descrever, em sua narrativa híbrida, a decisão da rainha Isabel de Castela perante o Novo Mundo. Afirmamos ser esta uma escolha vocabular “de enfrentamento” por se configurar como contrária ao discurso historiográfico durante muito tempo predominante.

Com relação aos registros que apresentam a atuação da autóctone na historiografia tradicional europeia, um dos documentos que a mencionam de maneira irrisória são as *Cartas de Relación* (1519, 1520, 1522, 1524, 1526), de Hernán Cortés (1485-1547), explorador a serviço da coroa espanhola. Anacaona é descrita nestas cartas de Cortés como a “*reina viuda de Haití*” (rainha viúva do Haiti), no seguinte excerto:

*‘Yo no vine aquí para cultivar la tierra como un labriego,’ le contestó Cortés, ‘sino para buscar oro.’ Esto sin embargo, Cortés aceptó poco después del mismo Ovando un repartimiento de indios en Daiguao, y la escribanía de la recién fundada villa de Azua, haciéndose muy pronto acreedor á mayores mercedes por sus servicios en la guerra que contra Anacaona, reina viuda de Haití dirigía á la sazón Diego Velazquez.*⁵ (CORTÉS, 1519-1526 [2019], p. 11).

⁴ Nossa tradução: Quando a Rainha Isabel da Espanha decidiu invadir o Novo Mundo, ela chamou o navegador Cristóvão Colombo e disse a ele, ‘eu lhe darei três barcos: o Nina, o Pinta e o Santa Maria, junto com uma tripulação de noventa homens armados. Vá. Descubra e conquiste o Novo Mundo, em nome de Deus e em nome da Rainha da Espanha. (ROUMAIN, 2012, p. 1).

⁵ Nossa tradução: ‘Não vim aqui para cultivar a terra como um camponês’, respondeu Cortés, ‘mas para procurar ouro.’ No entanto, Cortés aceitou do mesmo Ovando, logo depois, uma divisão dos índios em Daiguao, e o escritório da recém-fundada cidade de Azua, tornando-se

O explorador Diego Velázquez de Cuéllar (1465-1524) foi enviado por Nicolás de Ovando – governador da ilha Hispaniola, nomeado pela coroa espanhola – para suprimir uma suposta rebelião dos nativos da ilha, conforme descreve Gómara (1552 [2007]):

*Cortés a besarle las manos y a darle cuenta de su venida y de las cosas de Extremadura, y quedose allí por lo que Ovando le dijo; y de allí a poco se fue a la guerra que hacía Diego Velázquez en Aniguaigua, Buacaiarina y otras provincias que aún no estaban pacíficas, con el alzamiento de Anacoana, una viuda, grande señora.*⁶ (GÓMARA, 1552 [2007], p. 10).

Cristóvão Colombo relatava o descobrimento de novas terras por meio de seu *Diário de Bordo* e das *Cartas* que escrevia à coroa espanhola em suas viagens ao continente americano, entre os anos de 1492 e 1506. Com base em documentos oficiais, como os escritos de Colombo e os relatos de Las Casas, sabemos que Caonabó, marido de Anacaona, também foi capturado pelos colonizadores espanhóis, o que ocorreu por ele ter sido considerado o responsável pelo desaparecimento, ou morte, dos tripulantes da nau Santa María, que Colombo havia deixado nessa ilha ao regressar à Espanha após a primeira viagem que fizera rumo às Índias Ocidentais. Segundo o relato, a embarcação havia naufragado e não havia espaço para todos na única caravela que ainda tinham à disposição. Esse acontecimento também é apresentado na obra de Roumain:

However, when Columbus went back to Ayiti in 1495, he saw his men dead on the beach and discovered La Navidad had been destroyed. What had happened during his absence? It could be that the settlers mistreated the Tainos – robbing them, beating the women, and forcing them to hard labor – and that the natives retaliated by killing all of the oppressors; or it could

imediatamente credor de maiores doações por seus serviços na guerra que Diego Velázquez liderava contra Anacaona, rainha viúva do Haiti. (CORTES, 1519-1526 [2019], p. 11).

⁶ Nossa tradução: Cortés, ao beijar-lhe as mãos e dar-se conta da sua vinda e das coisas da Extremadura, ali ficou pelo que lhe disse Ovando; e logo foi para a guerra que Diego Velázquez travava em Aniguaigua, Buacaiarina e outras províncias que ainda não estavam pacificadas, como o reino de Anacoana, uma viúva, grande senhora. (GÓMARA, 1552 [2007], p. 10).

*be that there was a rebellion among Columbus' men who then killed each other. Nevertheless, Caonabo, the cacike of Xaragua, Anacaona's spouse, was suspected of having organized an assault against the Spanish settlement La Navidad. He was captured and sent to Spain to be judged. He died at sea when the boat sank.*⁷ (ROUMAIN, 2012, p. 20).

Os relatos de Bartolomeu de Las Casas, frade dominicano espanhol, considerado um defensor dos índios, também se figuram como documentos históricos que fazem menção à Anacaona. Segundo Las Casas (1552 [2011]), quando Colombo chegou à América, na Ilha Espanhola (Hispaniola), território da atual República Dominicana e do Haiti, ele teve o primeiro contato com os povos nativos. Na Ilha Espanhola, havia cinco reinos principais, com cinco chefes aos quais obedeciam quase todos os outros senhores. Um desses reinos chamava-se Xaraguá, localizado no centro da ilha. Seu rei e senhor chamava-se Behechio, cuja irmã se chamava Anacaona. Estes dois irmãos prestaram grandes serviços aos reis de Castela e imensos benefícios aos cristãos, salvando-os de muitos perigos de morte. Depois da morte de Behechio, Anacaona assumiu o reino. Las Casas (1552 [2011]) narra o massacre no qual a tribo chefiada por Anacaona foi dizimada e Anacaona enforcada:

Aquí llegó una vez el gobernador que gobernaba esta isla con sesenta de caballo y más trecientos peones, que los de caballo solos bastaban para asolar a toda la isla y la tierra firme, y llegaron más de trecientos señores a su llamado, seguros, de los cuales hizo meter dentro de una casa de paja muy grande los más señores por engaño, y metidos les mandó poner fuego y los quemaron vivos. A todos los otros alancearon y metieron a espada con infinita gente, y a la señora Anacaona,

⁷ Nossa tradução: No entanto, quando Colombo voltou para o Haiti em 1495, viu seus homens mortos na praia e descobriu que La Navidad havia sido destruída. O que aconteceu durante sua ausência? Pode ser que os colonos maltrataram os taínos - roubando-os, espancando as mulheres e forçando-as a trabalhos pesados – e os nativos assassinaram todos os opressores; ou pode ser que tenha havido uma rebelião entre os homens de Colombo que então se mataram. No entanto, Caonabo, o cacique de Xaragua, marido de Anacaona, era suspeito de ter organizado um assalto contra o assentamento espanhol La Navidad. Ele foi capturado, enviado à Espanha para ser julgado e morreu no mar quando o barco afundou. (ROUMAIN, 2012, p. 20).

*por habelle honra, ahorcaron.*⁸ (LAS CASAS, 1552 [2011], p. 246).

Segundo Las Casas (1552 [2011]), alguns nativos que conseguiram fugir dessa desumana crueldade chegaram a uma pequena ilha próxima; o governador, porém, condenou à escravidão todos estes que tentaram fugir. Roumain ficcionaliza o evento ao qual Las Casas se refere por meio do seguinte trecho:

*He decided to bring under his control the last Taino stronghold, which was Anacaona's, and announced his visit to the caciquea. In order to honor him, the queen of Xaragua organized a sumptuous greeting ceremony which ended in a famous massacre where no one was spared – not the women, not the children, not the old people, not even the queen herself. The samba's kingdom was burned and reduced to ashes; she was captured and brought to Santo Domingo to be hanged and killed in 1503.*⁹ (ROUMAIN, 2012, p. 23).

A autora narra, de maneira fictícia, um evento ao qual exploradores como Hernán Cortés e Cristóvão Colombo oferecem pouca atenção em seus escritos, mas que Las Casas descreve como um genocídio em que uma tribo inteira foi dizimada.

Assim como, na literatura, obras como as de Roumain e de Mary Del Priore nos permitem uma nova perspectiva sobre o que se conhece da história da América Latina, o descendente taíno Jorge Baracutei Estevez nos traz sua visão da história em uma entrevista à revista *National Geographic*, na qual ressalta que os povos taínos não estão extintos, como registros da história,

⁸ Nossa tradução: Certa vez, aqui chegou o governador desta ilha, com sessenta a cavalo e mais trezentos peões; apenas aqueles a cavalo bastavam para assolar toda a ilha e a Terra Firme. E chegaram seguros mais de trezentos senhores a seu chamado; dentre eles, por engano, fez entrar os maiores senhores dentro de uma casa de palha muito grande, e ali colocados, mandou atear fogo e os queimaram vivos. A todos os outros alancearam e passaram à espada com infinita gente, e a senhora Anacaona, para honrá-la, enforcaram-na. (LAS CASAS, 1552 [2011], p. 246).

⁹ Nossa tradução: Ele decidiu tomar o controle da última fortaleza Taíno, que era de Anacaona, e anunciou sua visita à cacica. Para homenageá-lo, a rainha de Xaragua organizou uma suntuosa cerimônia de saudação, que culminou em um famoso massacre em que ninguém foi poupado - nem as mulheres, nem as crianças, nem os velhos, nem mesmo a própria rainha. O reino do samba foi queimado e reduzido a cinzas; ela foi capturada e levada a Santo Domingo para ser enforcada e morta em 1503. (ROUMAIN, 2012, p. 23).

equivocadamente, afirmam. Jorge é líder da Higuayagua, uma organização taína de Nova York e da região do Caribe, e afirma:

Até hoje eu me lembro de voltar da escola após uma aula em que aprendemos sobre Colombo. Estava muito empolgado e tinha feito um desenho dos três navios. Ao chegar em casa, minha mãe me contou a história verdadeira. Fiquei chocado. Milhões de pessoas morreram por conta da sede de ouro e do reconhecimento daquele homem. É muito gratificante termos chegado a um ponto, hoje, em que a população no geral, e não só os caribenhos ou os indígenas, concorda que ele não é alguém que deva ser celebrado. (ESTEVEZ, 2019, n.p.).

Assim como a fala de Estevez, a obra de Roumain instaura uma releitura crítica do passado, construída a partir da verossimilhança, a qual, com base em Fleck (2017), confere um tom de autenticidade aos eventos históricos narrativizados na diegese, a partir da perspectiva periférica do povo taíno, antes ocultada pelo discurso historiográfico. O relato de Jorge Baracutei Estevez à revista *National Geographic* retrata, mais uma vez, esse espaço marginalizado ao qual o povo taíno foi relegado pelo discurso historiográfico:

O povo que hoje chamamos de taínos descobriu Cristóvão Colombo e os espanhóis. Não foi Cristóvão Colombo que nos descobriu, pois estávamos em casa, e eles, perdidos no mar quando desembarcaram em nossas praias. É assim que encaramos essa questão – na História, porém, somos os descobertos. Os taínos são os povos falantes das línguas aruaques e habitantes da região do Caribe, que migraram da América do Sul ao longo de um período de 4 mil anos. (ESTEVEZ, 2019, n.p.).

Podemos perceber, portanto, que o foco narrativo evidencia uma perspectiva que privilegia a visão marginalizada da história, de Anacaona e sua tribo taína. Além disso, a obra estabelece uma narrativa com linearidade cronológica do evento histórico recriado, porém, sem a presença de analepses ou prolepses. Apresenta, inclusive, referências a datas históricas, como a chegada de Cristóvão Colombo à América, em 1492: “*Christopher Columbus*,

*with his men, set foot on Ayiti in December 1492. He said, 'I will call the island Hispaniola' (Little Spain).*¹⁰ (ROUMAIN, 2012, p. 3).

O recurso da metanarração também é uma das estratégias utilizadas pela autora. Podemos notá-la na menção que a voz narrativa faz à capital do Haiti (*Port-au-Prince*) como “nossa capital”, no trecho: “*Anacaona was a Taina. She was born in 1471 in Yaguana, today the town of Léogâne, located a few kilometers southwest of what is now our capital city, Port-au-Prince.*”¹¹ (ROUMAIN, 2012, p. 5).

A linguagem da narrativa de Roumain é fluida e coloquial, proporcionando ao leitor uma escrita mais acessível, o que também caracteriza um traço semelhante aos dos romances históricos de mediação. Apresenta intertextualidade com os documentos históricos, ao figurar personagens e datas provenientes de documentos oficiais, como o *Diário* e as *Cartas* de Cristóvão Colombo, as *Cartas de Relación* de Hernán Cortés e os relatos do frei Bartolomeu de Las Casas.

Podemos evidenciar, portanto, os aspectos escriturais que aproximam a obra de Roumain à modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, proposta por Fleck (2017). A diegese apresenta linearidade, narrativa fluida e coloquial, intertextualidade, recursos metanarrativos e verossimilhança. O foco narrativo evidencia uma perspectiva anteriormente marginalizada da história de Anacaona e sua tribo taína, o que corrobora o processo de descolonização da América a partir das ressignificações de figuras históricas pela literatura.

A descoberta do Novo Mundo (2013): um novo olhar sobre figuras subjugadas pela historiografia tradicional da colonização na América

A obra infantojuvenil *A descoberta do Novo Mundo* (2013), de Mary Del Priore, aborda a temática do “descobrimento” e colonização do Brasil. A

¹⁰ Nossa tradução: “Cristóvão Colombo, com seus homens, chegou no Haiti em dezembro de 1492. Ele disse: ‘Chamarei a ilha de *Hispaniola*’ (Pequena Espanha).” (ROUMAIN, 2012, p. 3).

¹¹ Nossa tradução livre: “Anacaona era uma Taina. Ela nasceu em 1471 em Yaguana, hoje cidade de Léogâne, localizada a poucos quilômetros a sudoeste do que hoje é nossa capital, Porto Príncipe.” (ROUMAIN, 2012, p. 5)

narrativa conta a história das personagens Pedro e Paulo, dois garotos órfãos, com a idade entre 13 e 15 anos, que são embarcados em uma nau enviada ao Novo Mundo, mais especificamente para a Terra de Santa Cruz, ou Brasil, com o objetivo de servirem de “língua” aos padres jesuítas que já haviam se instalado aqui. Vivenciar os perigos do mar numa viagem fatigante transforma os meninos em amigos que, ao pisarem em terra firme novamente, veem-se rodeados por novos sons, cores e pessoas, vivem aventuras e passam por grandes perigos, bem no início da colonização brasileira pelos portugueses.

Segundo Ferraço e Bonfim (2007), em 1549, juntamente com o primeiro governador geral, chegaram os primeiros jesuítas, os quais trouxeram não apenas a moral, os costumes e a religiosidade europeia, mas também seus métodos pedagógicos, baseados na repetição e imitação de textos clássicos, latinos e gregos. Sob o comando do Padre Manoel da Nóbrega, os jesuítas fundaram a primeira escola elementar brasileira em Salvador e trouxeram de Portugal, na mesma época, “sete órfãos portugueses, moços perdidos, ladrões e maus, que aqui chamam patifes” (FIKER, 2013, p. 46), doutrinados na fé católica para facilitar o ensino dos meninos indígenas.

Nóbrega elaborou o primeiro esboço de um plano nacional de estudos, baseado no *Ratio Atque Instituto Studiorum*¹², pois, ao perceber que não seria possível converter os índios à fé católica sem que soubessem ler ou escrever, ofereceu-lhes instrução formal constituída de alfabetização e catequização. O português era ensinado pelos padres jesuítas aos índios, para assimilá-los ao cristianismo. Por outro lado, os padres aprendiam o tupi, para facilitar ainda mais seus objetivos.

Desde o Descobrimento, Portugal mandava uma legião de órfãos para o Brasil, garantindo-lhes a alimentação; em troca, eram mediadores junto de crianças nativas, aprendiam a língua indígena e serviam de intérpretes para os jesuítas e oficiais da coroa. Chamavam-lhes meninos-língua. (FUKELMAN, 2012, p. 78).

¹² Em português: “Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus”, normalmente abreviada como *Ratio Studiorum*. Funcionava como um manual pedagógico para instruir os jesuítas no ensino e na catequização.

Em sua narrativa, a historiadora Mary Del Priore convida os leitores a embarcarem numa viagem de volta ao passado da história do Brasil, nos seus primeiros tempos, quando esses “meninos-língua” eram enviados ao Novo Mundo para auxiliarem os padres jesuítas em seu processo de catequização dos nativos americanos. As personagens da diegese vivem experiências e situações que retratam a realidade de muitas crianças do passado, em um cenário que foi o dos primeiros tempos da história, proporcionando uma leitura crítica e verossímil, como podemos observar no excerto abaixo:

Junto com o representante do governo seriam enviados os padres da Companhia de Jesus, para domesticar os índios e convertê-los ao cristianismo. A companhia era uma congregação, criada em 1534, pelo jesuíta Inácio de Loyola, cujo objetivo era levar o catolicismo a todas as partes do mundo. (DEL PRIORE, 2013, p. 37).

Mary Del Priore consegue, nessa obra, utilizando-se de personagens fictícios, envolvê-los em momentos da história do Brasil no período da chegada dos portugueses, abordando os primeiros contatos, os diversos povos indígenas, as lutas, as capitânicas hereditárias, o governo geral, os jesuítas, entre outros acontecimentos que também nos possibilitam uma revisitação verossímil e crítica ao passado e à nossa história oficializada:

Pedro e Paulo, graças à convivência com as naus portuguesas, entre os jesuítas e, depois entre os índios, aprenderam a separar o real da imaginação [...] os índios não eram animais [...]. Aprenderam também o mais importante: a diferença entre as pessoas não podia ser medida entre superiores e inferiores. Todos eram iguais. Nus ou vestidos, falando francês ou tupi, valentes ou covardes, o importante era estar aberto às experiências novas e se comunicar. (DEL PRIORE, 2013, p. 102).

Das afirmações acima, dois aspectos podem ser ressaltados: primeiro, a explicação segundo a qual se trata de uma proposta de ressignificação histórica (com personagens reais) pelas vias da ficção, por meio de relatos de viagem que, inevitavelmente, confrontarão o discurso oficial.

Silêncio. Iam para a Terra de Santa Cruz, também chamada Brasil, explicou ele. Tinham uma missão importante: ser os “meninos-língua”. As cabeças se voltaram umas para as outras. Uns com sorriso de satisfação, outros tímidos. Paulo era curioso: Onde é Santa Cruz? O que era ser um menino-língua? Resposta: Que embarcassem com todas as bênçãos do Senhor. Se chegassem com vida ao outro lado da terra, alguém lhes explicaria. (DEL PRIORE, 2013, p. 12).

Como segundo aspecto, destaca-se a perspectiva vista de baixo (SHARPE, 1992), problematizada pela apresentação de uma ou mais personagens periféricas e excêntricas. Tais elementos nos oferecem a possibilidade de “ouvir” outra versão da mesma história a partir de outras vozes e questionar um discurso hegemônico, muitas vezes imposto por uma classe considerada superior e elitista. Vejamos:

Tinha 13 anos. Nem alto, nem baixo. Roupa, quase nenhuma: tamancos de madeira, uma calça amarrada por uma corda e o casaco que tiraram do defunto. As mãos eram grossas de pegar na enxada e carregar peso. No queixo, uma cicatriz. Fora do cinto do pai, numa das surras que levou. Nome: Paulo. (DEL PRIORE, 2013, p. 10).

A narrativa inicia-se em 1558 e ocorre de forma temporal linear. Não se dá em primeira pessoa, porém, o narrador apresenta e dá voz às personagens marginalizadas durante o desenrolar da obra. Pela saga de Pedro e Paulo, temos a possibilidade de encontrar diferentes acontecimentos decorrentes de sua viagem e chegada ao Brasil. O texto é direcionado a um público infantojuvenil que pode fazer parte dessas aventuras, vivenciando, mesmo que imaginariamente, o processo do “descobrimento” e de colonização do Novo Mundo.

Corria o ano de 1558. Ele mal podia abrir os olhos, mas os sons, à volta, indicavam que amanhecera. A luz forte do sol mergulhou a paisagem numa aura prateada. Gritos: de gente, mulheres, homens e escravos. E de aves que ele nunca viu: gaivotas e mergulhões. Carroças rangiam, transportando mercadorias. E depois havia aqueles cheiros que ele não dominava: o do mar e o do alcatrão. Levantou-se com dificuldade. Tudo doía. (DEL PRIORE, 2013, p. 9).

A voz narrativa busca seguir, cronologicamente, a ordem dos eventos ao longo de toda diegese; e o leitor, ao se fixar neles, tem assegurada sua compreensão dos fatos narrados sem maior dificuldade ou necessidade de grandes digressões. Somando-se ao trânsito entre ficção e história, tais aspectos nos levam à aproximação dessa obra com as narrativas da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação. Podemos observar que a obra se constitui em início, meio e fim, contando com seus acontecimentos desde 1558, que seguem, de forma linear, pelos próximos sete anos, ou seja, até 1565, quando as personagens viverão suas aventuras naquela nova terra:

Os meses passaram rápido. Eles tinham aprendido a língua e sabiam se comunicar com os índios adultos que entravam e saíam da aldeia levando e trazendo crianças. [...] Na manhã de 15 de março de 1560, entraram na belíssima baía de Guanabara. Nas águas transparentes corriam cardumes de golfinhos, alheios ao que ia acontecer. (DEL PRIORE, 2013, p. 63; 94).

A linguagem empregada na construção da narrativa, como se nota no trecho acima, constitui-se de coloquialidade e simplicidade e, pela exposição de datas, ressalta a aproximação com os eventos retratados pelo discurso oficial, sem se entregar a digressões ou complexidades características do novo romance histórico latino-americano, amplamente difundido no período do *boom*. Não se apresenta de forma estruturalmente complexa, e os leitores podem perceber facilmente o uso das frases curtas e diretas, voltado ao domínio comum e de fácil compreensão: “Dois dias depois, a fortaleza francesa foi arrasada. Rezou-se uma missa e os que demonstraram coragem foram feitos cavaleiros.” (DEL PRIORE, 2013, p. 96).

Ao longo da diegese, encontramos vários excertos que configuram e evidenciam as perspectivas marginalizadas e excêntricas, privilegiando-as. Tal feito proporciona ao leitor a aproximação com o mesmo passado, abordado sob diferentes pontos de vistas, tendo, inclusive, a possibilidade de reler e de ressignificar tais acontecimentos, a partir de novos olhares e de diferentes ângulos. Trata-se de uma perspectivação dos fatos, o que distancia-lhes de um

caráter imutável, como se fosse uma verdade universal, imposta pelo discurso das classes tidas como superiores, e, conseqüentemente, traz à tona a importância de personagens constantemente silenciadas e apagadas por essa mesma elite, as quais, pela literatura, passam a ser representadas, ficcionalmente, como detentoras de suas próprias vozes, como notamos no trecho abaixo:

Pedro e Paulo tinham nome de dois santos da Igreja católica. Pareciam perfeitos cavaleiros das Cruzadas. Daí para frente iam se ligar de amizade. Dividir os sonhos de conquistas nas terras desconhecidas para onde partiam. Brasil, terra dos brasis. [...] Os meninos desceram para o interior das caravelas para juntar-se ao grupo. Um cheiro de especiarias invadiu os narizes. Na última viagem, a embarcação transportara pimenta, gengibre e noz-moscada das Índias. O bom cheiro misturava-se, porém, ao mau: mofo e urina. (DEL PRIORE, 2013, p. 14-15).

No primeiro capítulo, intitulado “A caminho do fim do mundo”, observamos aspectos que Fleck (2017, p. 110) nomeia como “recursos metaficcionalis”, com inserções de questionamentos entre narrador e narratário, buscando problematizar o próprio texto, como, por exemplo, em:

Doía o corpo, e dentro dele também: tinha dor e medo. Aonde o levavam? A voz forte do padre mandou que se ajoelhasse e orasse. Ia numa longa viagem. Longa? Já não fora longa a que o trouxe do vilarejo onde morava até aqui? (DEL PRIORE, 2013, p. 9).

A utilização de recursos metanarrativos ocorre durante a obra, mas, diferentemente das metaficcões historiográficas, elas não constituem elemento global da narrativa. Esses recursos aparecem e permitem que o leitor se localize no espaço e no tempo da narrativa, como forma de apoio e suporte à leitura, auxiliando na construção de sua leitura, mas sem prendê-lo ou privá-lo de sua própria compreensão e interpretação dos fatos narrados.

Ao final da obra, encontramos, então, as personagens Pedro e Paulo ambientadas com sua nova pátria e com as demais personagens com as quais eles construíram também as suas próprias histórias, possibilitando a um leitor

mais atento a ressignificação de sua história também, por meio da literatura: “De volta [Pedro e Paulo] ao Rio de Janeiro, donos de sesmarias podiam explorar escravos e plantar cana-de-açúcar. Mas não... Preferiram explorar o mundo e viver novas aventuras.” (DEL PRIORE, 2013, p. 103).

Por meio da análise do romance *A Descoberta do Novo Mundo*, verificamos ser possível sua aproximação com o romance histórico contemporâneo de mediação, pois, assim como a obra de Maryse Noël Roumain, a de Mary Del Priore apresenta as características que demarcam essa modalidade de narrativa híbrida de ficção e história definida por Fleck (2017) em seus estudos sobre o romance histórico.

Considerações Finais

A partir da análise de *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti* (2012), de Maryse Noël Roumain, e *A Descoberta do Novo Mundo* (2013), de Mary Del Priore, podemos constatar a importância das narrativas híbridas de história e ficção no sentido de descolonização da América Latina no imaginário coletivo, não apenas hispano-americano, mas mundial. Durante muito tempo, o discurso historiográfico hegemônico tentou estabelecer como “verdade” formações discursivas que acabaram por subjugar ou, até mesmo, silenciar alguns sujeitos da história, como a tribo de Anacaona e os “meninos-língua”.

A subalternidade dessas figuras na historiografia tradicional hegemônica é reforçada por relatos como o de Estevez à revista *National Geographic*, sobre um “genocídio no papel” que registrou, equivocadamente, a extinção dos povos taínos por um censo realizado em 1802. Da mesma maneira, as personagens de Mary Del Priore representam, ficcionalmente, os “meninos-língua”, que eram enviados ao Novo Mundo para ajudarem os padres jesuítas em sua missão de catequização dos nativos americanos. Não apenas a figura desses jovens degredados é ressignificada nessa narrativa híbrida, mas também a dos nativos que residiam no Brasil na época da colonização europeia.

As duas narrativas híbridas infantojuvenis, analisadas neste artigo, apresentam as características necessárias para serem aproximadas da

modalidade do romance histórico de mediação proposta por Fleck (2017), uma vez que ambas apresentam uma releitura crítica do passado, verossimilhança, linearidade, foco narrativo centralizado em personagens subjugadas pela historiografia tradicional, estratégias escriturais bakhtinianas e recursos metanarrativos.

Enfatizamos, ainda, a importância desse tipo de recepção literária para a constituição de uma pessoa enquanto sujeito de sua própria história. A leitura de obras de gêneros híbridos de história e ficção constitui um elemento basilar nesse processo, e, por isso, o seu incentivo desde a fase infantil até a adulta deve ser fomentado, no intuito de fornecer respaldo suficiente para que se repense o que significa a identidade latino-americana.

Referências

CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. 2.ed., São Paulo: Brasiliense, 2010.

BURKE, P. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992

COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 5ª ed. São Paulo, Manole, 2010.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

CORTES, H. *Cartas y relaciones de Hernán Cortés al Emperador Carlos V. 1519-1526*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2019. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc0974782>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

DEL PRIORE, Mary. *A descoberta do Novo Mundo*. São Paulo: Planeta, 2013.

ESTEVEZ, J. B. Conheça os “sobreviventes” de um genocídio que nunca existiu. 2019. In: *National Geographic*. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/10/sobreviventes-genocidio-no-papel-indigena-caribe-tainos-extintos-dna>>. Acesso em: 16 ago. de 2020.

FERRAÇO, L.; BONFIM, B. B. O ensino e a aprendizagem de línguas nos primeiros tempos do Brasil. In: *História do Ensino de Línguas no Brasil*. Ano 1, nº 1. 2007. Disponível em: <[http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-](http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-1)

1-no-1-12007/95-o-ensino-e-a-aprendizagem-de-linguas-nos-primeiros-tempos-do-brasil>. Acesso em: 20 fev. 2021.

FILHO, J. N. G. Literatura infantil/juvenil: formação de leitores em tempos de conectividade. In: MICHELLI, Regina; FILHO, José Nicolau Gregorin; GARCIA, Flavio (Orgs.). *A literatura infantil/juvenil entre textos e leitores: reflexões críticas e práticas leitoras*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020. 1 ed. (digital), p. 28-42.

FIKER, B. T. O Ensino no Brasil – Primórdios. In: *Verbum – Cadernos de Pós-graduação*, n. 3, 2013, p. 43-54. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/viewFile/14437/11409>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

FLECK, G. F. *A conquista do “entre-lugar”: a trajetória do romance histórico na América*. Gragoatá, Niterói, n. 23, p. 149-167, 2.sem. 2007.

FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Paraná, CRV, 2017.

FUKELMAN, C. Eles são daqui, mas não deviam: notações sobre escritoras brasileiras contemporâneas. In: *Colóquio Letras*, n. 180, 2012, p. 75-84. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/315316>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

GÓMARA, F. L. de. *Historia de la conquista de México*. 1552. Venezuela, Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007.

LAS CASAS, F. B. de. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. 1552. Medellín, Editorial Universidad de Antioquia, 2011.

LUFT, G. *A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, Brasília, n. 36, p. 111-130, jun./dez. 2010.

MATHEUS, A. M. E.; KLOCK, A. M.; BARRIOS, O. Entre la tradición y la renovación: una trayectoria de la novela histórica contemporânea de mediación en la poética del descubrimiento. *Revista EntreLetras* (Araguaína), v. 11, n. 1, p. 311-336, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreltras/article/view/9041/16741>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PEREIRA, M. T. G. A linguagem da literatura infatojuvenil brasileira. In: MICHELLI, R.; FILHO, J. N. G.; GARCIA, F. (Orgs.). *A literatura infantil/juvenil entre textos e leitores: reflexões críticas e práticas leitoras*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020. (1 ed. digital), p. 136-146.

ROUMAIN, M. N. *Anacaona, Ayiti's Taino Queen/Anacaona, La Reine Taino D'Ayiti*. Estados Unidos: Trafford Publishing, 2012.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 39-62.

VARELA, C. *Cristóbal Colón: textos y documentos completos*. Ed. Consuelo Varela. Nuevas Cartas. Ed. Juan Gil. 1492-1506. Madrid, Alianza Universidad, 1997.

ZILBERMAN, R. *Introduzindo a literatura infanto-juvenil: literatura infanto-juvenil, o leitor e a qualidade artística. Perspectiva*, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 96-102, jan/dez, 1985. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10106/9326>. Acesso em 07 out. 2020.